

Guerra em Gaza

Após saída israelense, palestinos retornam a cidade destruída no sul



Família palestina levada em carroça passa por ruas e prédios destruídos em Khan Yunis; cidade era lar de 400 mil antes da guerra

Primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, intensifica promessa de invadir Rafah, mas evita dar novos detalhes

JERUSALÉM

A retirada das tropas terrestres israelenses do sul da Faixa de Gaza no fim de semana permitiu que milhares de palestinos regressassem ontem à cidade de Khan Yunis para tentar salvar o que sobrou da vasta destruição deixada pela ofensiva de Israel.

Eles encontraram a cidade, a segunda maior de Gaza, irreconhecível, com milhares de edifícios destruídos ou danificados. Homens, mulheres e crianças percorreram ruas, reduzidas a terra escavada por tratores, em busca de suas ca-

sas nos escombros do que antes eram blocos de apartamentos e empresas. Em outros quarteirões, os edifícios ainda estavam de pé, mas eram estruturas ocas, carbonizadas e cheias de buracos, com os andares superiores parcialmente destruídos e pendurados.

Reconstrução

US\$ 20 bi era o valor calculado pela ONU, em fevereiro (aproximadamente R\$ 99 bilhões), para a reconstrução da Faixa de Gaza por causa dos danos causados pela guerra entre Israel e Hamas – que completou seis meses no domingo – se o conflito tivesse se encerrado naquele mês

“Eu não consegui reconhecer o lugar”, disse um trabalhador humanitário palestino sob condição de anonimato. “Nem mesmo as ruas estão mais lá”, acrescentou, em entrevista por telefone. “Não apenas demolido, mas distorcido de uma forma que ninguém conseguia reconhecer.”

Antes da guerra, a cidade era o lar de 400 mil pessoas e funcionava como um centro econômico no sul da Faixa de Gaza. No começo do conflito, passou a abrigar também os palestinos que seguiram a ordem para deixar o norte, antes que as forças israelenses avançassem com a incursão terrestre na Cidade de Gaza em resposta ao ataque terrorista do Hamas.

Em dezembro, contudo, Israel enviou tropas para Khan Yunis, sugerindo que Yehiya Sinwar, um líder do Hamas e arquiteto do atentado de 7 de



outubro, poderia estar escondido em sua cidade natal, apontada por Tel-Aviv como reduto do grupo terrorista.

RAFAH. As cenas de destruição em Khan Yunis evidenciaram o que tem sido um dos ataques militares mais destrutivos e letais do mundo nas últimas décadas, que deixou vastas áreas da Faixa de Gaza inabitáveis para os seus 2,3 milhões de habitantes. O cenário também adiantou o que poderia acontecer em Rafah, no extremo sul de Gaza, onde metade da população desabrigada do enclave está atualmente amontoadada, se Israel prosseguir com os planos de invadi-la.

O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, intensificou sua promessa de invadir Rafah. “Isso vai acontecer. Há uma data”, disse ele ontem, em uma mensagem de vídeo, sem dar mais detalhes. Ele falou enquanto negociadores israelenses estavam no Cairo discutindo os esforços internacionais para mediar um acordo de cessar-fogo com o grupo terrorista Hamas. Em paralelo, o chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa de Israel, Herzi Halevi, disse que “a guerra continua e está longe de acabar”.

Muitos dos milhares que entraram em Khan Yunis a pé e em carroças ontem estão abrigados em Rafah desde que fugiram de suas casas. A saída das tropas lhes deu a oportunidade de ver os destroços das suas moradias e recuperar alguns bens. Mas com a cidade agora inabitável, eles disseram que tinham poucas chances imediatas de voltar.

Magdy Abu Sahrour ficou chocado ao ver sua casa em Khan Yunis destruída. “Onde é minha casa, onde é minha casa? É uma situação trágica”, disse, parado diante dos escombros.

Estima-se que 55% dos edifícios na área de Khan Yunis – cerca de 45 mil construções – foram destruídos ou danificados, de acordo com os últimos números de dois investigadores nos EUA que têm utilizado imagens de satélite para monitorar a destruição na cidade – Corey Scher, da City University de Nova York, e Jamon Van Den Hoek, da Oregon State University. ● AP, WP e NYT

Eleições nos EUA

Trump declara que Estados devem decidir sobre aborto

WASHINGTON

O pré-candidato republicano à Casa Branca e ex-presidente Donald Trump evitou se posicionar sobre uma proibição nacional ao aborto ontem, dizendo que as restrições devem ser deixadas nas mãos dos Estados. Sua declaração, após meses de mensagens confusas sobre o tema, foi um esforço para

satisfazer sua base mais conservadora sem deixar de lado os centristas em um tema controverso.

Ele deu a declaração em um vídeo divulgado por sua campanha, sem mencionar o número de semanas em que acha que o procedimento deveria ser proibido. “No final das contas, tudo isso tem a ver com a vontade do povo”, disse ele.

Seus comentários ressaltaram o quão preocupante a

questão é para os republicanos. O Partido Republicano sofreu repetidas derrotas nas urnas desde que a Suprema Corte decidiu, em 2022, deixar para os Estados a possibilidade de legislar sobre a interrupção da gravidez. Desde então, 20 deles a proibiram ou a restringiram ao extremo.

Antes de concorrer à presidência, em 2016, Trump apoiou o amplo acesso ao aborto até assumir uma posição mais conservadora. “Sou pró-vida e originalmente era pró-escolha”, disse ele durante a campanha. “Eu evolui.” ● DOW JONES e AFP

Caribe

Líderes políticos do Haiti alcançam acordo para formar conselho de transição, diz agência

Líderes do Haiti alcançaram um acordo político para formar um conselho presidencial de transição por 22 meses, e esperam agora ser investidos pelo Poder Executivo, segundo a agência France Presse. As novas autoridades substituirão o primeiro-ministro Ariel Henry, que anunciou renúncia no dia 11. ●

África

Naufrágio em Moçambique mata 98 pessoas, incluindo 58 crianças; há 14 desaparecidos

Autoridades de Moçambique informaram ontem que 98 pessoas, incluindo 58 crianças, morreram em um naufrágio no domingo, quando o barco em que viajavam virou na costa da Província de Nampula. As autoridades afirmaram que 18 pessoas sobreviveram e 14 estavam desaparecidas. ●